

TEMPO, MEMÓRIA E ETERNIDADE NAS OBRAS *O SOM E A FÚRIA* E *ABSALÃO, ABSALÃO*¹

Alessandra Carlos Costa Grangeiro²

RESUMO

Este artigo ocupa-se do estudo da relação existente entre tempo, memória e eternidade, perceptível por meio do estudo de duas obras que fazem parte da saga de Yoknapatawpha, criado por William Faulkner: *O som e a fúria* (1929) e *Absalão, Absalão* (1936). Para isso, tomaremos como ponto inicial a leitura de três importantes leitores da obra de Faulkner – Hyatt Waggoner, Jean Pouillon e Claude-Edmonde Magny – e, mediante um diálogo com esses críticos, empreenderemos a nossa leitura. O diálogo entre essas obras nos levará para a relação entre tempo, memória e eternidade, visto que o título *Absalão, Absalão* aponta para uma história que tem sua finalização na eternidade, embora tenha uma relação estreita com o tempo histórico. Essa história é a do povo hebreu e, mais especificamente, a da aliança que Jeová fez com seu servo Davi, rei de Israel.

Palavras-chaves: Tempo. Memória. Eternidade. Israel. Davi. William Faulkner

ABSTRACT

The topic of this article is the study of the relationship between time, memory and eternity, portrayed by the study of two works that are part of the saga of Yoknapatawpha, created by William Faulkner: “The Sound and the Fury”(1929) and “Absalom, Absalom”(1936). For this, we will take as a starting point reading three important readers of the work of Faulkner-Hyatt Waggoner, Jean-Claude Pouillon and Edmonde Magny - and it is through a dialogue with these critics that we will undertake our reading. The connection between these works will take us to the relationship between time, memory and eternity, whereas the title “Absalom, Absalom” points to a story that ends in eternity, despite its close relationship with the historical time. This is the story of the Jewish people and, more specifically, the alliance which Jehovah made with his servant David, king of Israel.

Key-Words: Time. Memory. Eternity. Israel. David. William Faulkner

¹Esse artigo é parte das discussões realizadas no meu livro intitulado *Tempo e memória na obra de William Faulkner*.

² É doutora e mestre pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Diretora acadêmica e professora na Faculdade Faifa e professora na Universidade Estadual de Goiás UEG, onde desenvolve um projeto de pesquisa intitulado *A ascensão do romance: seus antecedentes, seus desafios e sua evolução*. alessandraccosta@gmail.com.

INTRODUÇÃO

William Faulkner é um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Nasceu em New Albany em 25 de setembro de 1897 e morreu em Byhalia, em 6 de julho de 1962. Foi ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1954, do National Book Awards em 1951 e, por duas vezes, do Pulitzer, em 1955 e em 1962. O nascimento de Faulkner se deu trinta anos após a Guerra de Secessão. Antes dessa guerra, o Sul dos Estados Unidos era caracterizado por uma rígida estrutura social, construída basicamente por brancos de origem europeia e protestante. Eles alcançaram a supremacia econômica pela escravidão dos negros. A Guerra de Secessão faz o império do Sul, fortemente marcado pelo cultivo do algodão, desmoronar. Durante um período de quatro anos, o Sul foi devastado pelo exército do Norte e sua economia sofreu modificações significativas. Faulkner, por descender de uma família sulista ilustre que tinha poderes políticos, pôde sentir muito profundamente a derrocada da aristocracia.

Ligado à tradição da técnica do fluxo de consciência, consagrada por James Joyce, Virgínia Woolf e Marcel Proust, William Faulkner é conhecido por narrar essa decadência do Sul dos Estados Unidos. As suas personagens, cheias de conflitos e dilemas internos, vivem no condado de Yoknapatawpha. William Faulkner criou esse condado, mas ele é, ao mesmo tempo, real e imaginário. Sua sede fica na cidade de Jefferson, no estado do Mississippi.

Este artigo ocupa-se do estudo da relação existente entre tempo, memória e eternidade, perceptível por meio do estudo de duas obras que fazem parte da saga de Yoknapatawpha: *O som e a fúria* (1929) e *Absalão, Absalão* (1936)³. Para isso, tomaremos como ponto inicial a leitura de três importantes leitores da obra de Faulkner – Hyatt Waggoner, Jean Pouillon e Claude-Edmonde Magny – e, mediante um diálogo com esses críticos, empreenderemos a nossa leitura. O diálogo entre essas obras nos levará para a relação entre tempo, memória e eternidade, visto que o título *Absalão, Absalão* aponta para uma história que tem sua finalização na eternidade, embora tenha uma relação estreita com o tempo histórico. Essa história é a do povo hebreu e, mais especificamente, a da aliança que Jeová fez com seu servo Davi, rei de Israel. A origem da tradição do povo hebreu encontra-se dentro e fora do tempo histórico, pois, ao mesmo tempo em que é temporal, histórica, é eterna.

³Malcolm Cowley, no ensaio intitulado “Introduction to the portable Faulkner” (1966), faz a relação de todas as obras que fazem parte deste condado. Esse texto de Cowley é um marco na crítica de Faulkner que procura fazer uma reavaliação de sua obra.

1 TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

A história de Sutpen possui ligação com o rei americano chamado Ikkemotubbe, um autêntico e feroz pioneiro do Sul dos Estados Unidos. Sobre essa família pesa uma maldição e esta é expandida ao Sul dos Estados Unidos. Thomas Sutpen nasceu nas montanhas do oeste da Virgínia, em 1807. Em 1833, Sutpen chega à região e compra terras do chefe Ikkemotube e começa a construir seu império. Há boatos entre os habitantes de que ele enganou o velho índio. Adquire escravos, casa-se com uma jovem mocinha –depois de ter abandonado a primeira esposa e um filho que tinham sangue negro – irmã de Rosa Coldfield, participa da Guerra Civil Americana e presencia a derrocada do Sul e a ascensão dos novos-ricos.

Para compreendermos a complicação da história relatada em *Absalão, Absalão*, é preciso considerar que a história básica, a de Sutpen, desde a sua juventude até sua morte, bem como a de seus descendentes, possui várias estruturas narrativas. A história é contada por Quentin a seu colega de quarto, Shreve, e o momento decisivo que o impulsiona a contar essa história é a chegada de uma carta anunciando a morte de Rosa Coldfield. Posteriormente, Shreve reconta-a a Quentin. Todos os outros pontos de vistas são anexados, incorporados, nessa grande narração de Quentin e Shreve. Essa história que é contada é baseada em versões dessa mesma história: a versão de Rosa, dada a Quentin; a do pai de Quentin que também contou a ele o que sabia; a versão do pai de Quentin é resultado do que ele ouviu do avô de Quentin. O avô de Quentin foi o único que realmente ouviu a história de Sutpen dele próprio. De acordo com Waggoner, essas várias vozes que narram a mesma história criam o efeito de uma série de estruturas, que se encaixam e criam a imagem de uma pintura dentro de outra pintura. Para nós, a simultaneidade nessa obra pode ser apreendida nesse ponto.

Quando iniciamos a leitura do livro, somos levados a pensar que o presente da narrativa é o momento em que Rosa está narrando os fatos para Quentin. Mas já no segundo capítulo nos deparamos com a morte de Rosa. Ao final do livro é que percebemos que o presente é justamente a conversa entre Quentin e Shreve. Portanto, no presente da narrativa, no quarto da Universidade de Harvard, onde Quentin e Shreve estudavam, em janeiro de 1910, a conversa que Quentin teve com Rosa, quatro meses antes, é lembrada. Vejamos um trecho:

Foi um verão de glicínias. O cheiro das flores e do charuto do seu pai invadiu o crepúsculo, enquanto eles esperavam sentados na sacada da frente, depois do jantar, a hora de Quentin pôr-se em movimento, enquanto lá fora, no gramado denso e ondulado debaixo da varanda, os vagalumes eram impelidos pelo vento em

gorros suaves – o mesmo odor, o mesmo aroma que, cinco meses mais tarde, a carta do Sr. Compson levaria Mississippi acima, atravessando a longa e rigorosa nevada da Nova Inglaterra, para chegar à saleta de Quentin, em Harvard. E foi um dia todo de atenção e escuta, igual àquele de 1909, repetição do que ele já sabia, pois havia nascido lá e respirava ainda o mesmo ar em que ressoaram os sinos da igreja, naquela manhã de domingo de 1833, e em que, aos domingos, ainda era ouvido o sino. (FAULKNER, 1981, p. 29).⁴

De posse da carta recebida, que trazia a notícia da morte de Rosa, Quentin, sozinho, revive na memória a conversa que teve com Rosa e, posteriormente, com seu pai, sobre Sutpen. Em seguida, Quentin e Shreve recontam a história até chegar num ponto em que eles reconstroem essa história. Eles tentam preencher as lacunas com a imaginação.

No primeiro capítulo, segundo a observação de Waggoner, começamos a conhecer a história a partir de um passado bem próximo ao presente, uma vez que Quentin está envolvido nela. Com os relatos de Rosa, eventos bem distantes do presente são contados, entretanto, ainda não perdemos a relação imediata com o presente, que é a presença de Quentin na casa de Rosa, sentado, escutando a história contada por ela. No segundo capítulo, essa estrutura, ou seja, o relato de Rosa a Quentin, é substituída por outra, agora o relato do pai de Quentin. Todavia, continuamos a distinguir bem a oposição entre o presente e o passado. Até que essa estrutura, que define bem esses dois tempos, é destruída. O pai de Quentin nos conta a história como outra versão e evidencia algumas distorções na história que até então já conhecíamos. Quentin e Shreve, no dormitório da Universidade, repensam e recontam a história contada por Rosa e pelo pai de Quentin. Nesse ato, percebem que a interpretação dos fatos feita por Rosa é inadequada e demonstra preconceitos. Além disso, pensam que algumas interpretações e especulações do pai também são inaceitáveis. É dessas conclusões que surgem as novas versões dessa história elaborada por Quentin e Shreve. E assim eles envolvem completamente o leitor. Todos estão em busca da verdade que foi escondida por trás das diversas distorções das narrações feitas anteriormente. É nesse sentido que o passado será visto na perspectiva de Halbwachs, pois ele não se encontra conservado na memória, mas é constantemente reconstruído, reinterpretado e, sendo assim, cada reinterpretação torna-se parte de um passado acumulado. Dessa forma, o princípio organizador desse romance é justamente a necessidade de recontar a história e compreender melhor os motivos dos agentes.

Nessa reinterpretação, o passado se distancia, cada vez mais, do presente. O avô de Quentin era amigo de Sutpen. O pai dele conviveu também de perto com essa história. E Rosa

⁴ Não analisaremos estas questões, mas queremos chamar a atenção para a memória associativa. Os cheiros e os sons, como em *O som e a fúria*, trazem à memória os eventos passados.

conviveu com Sutpen e quase se casou com ele. O distanciamento se dá quando Shreve, um canadense, passa a narrar também a história desse homem. Ele é o menos envolvido de todos com ela, por isso, sua imaginação move-se mais livremente e sua perspectiva é bem distinta da de Rosa. Ele reconstrói a motivação dos agentes. No último capítulo, a presença de Shreve torna-se decisiva. O distanciamento de Shreve, em relação aos acontecimentos na família de Sutpen, é essencial para que ele possa nos fazer pensar mediante uma nova perspectiva.

A simultaneidade da obra consiste na apresentação de diferentes pontos de vista que procuram reinterpretar o passado. Esses distintos pontos de vista fazem emergir distintos momentos temporais que se superpõem. A ordem dos capítulos não é regulada cronologicamente, mas é governada justamente pela apresentação dos diferentes pontos de vista.⁵

No capítulo nove, onde é apresentada uma perspectiva geral da história, Waggoner considera duas questões que são relevantes: a primeira é que Quentin e Shreve aparecem efetivamente em primeiro plano como narradores. E não aparecem meramente como dois narradores que expõem uma história, mas aparecem como preservadores de um passado que foi sendo gradativamente criado com o objetivo de ser conservado. A última voz detentora da história tinha acabado de ser cessada com a morte de Rosa. Mas, ainda assim, a história permaneceria por mais algum tempo. E quanto mais ela fosse recontada, mais permaneceria. A segunda questão relevante é que a aparente objetividade da história evaporou-se completamente. Contudo, há novamente um movimento da subjetividade para a objetividade, pois, nesse capítulo, ficamos sabendo que Quentin teve efetivamente uma experiência, e não foi somente ouvinte, com os acontecimentos relacionados à família de Sutpen quando foi com Rosa à velha mansão de Sutpen e lá encontrou Henry, filho de Sutpen. Antes desse acontecimento tudo era relato, conjectura, hipótese. Esse acontecimento foi essencial para que tudo o que Quentin já tinha ouvido tivesse mais sentido. Agora Quentin poderia realmente preparar Shreve para uma direta confrontação com um passado vivo.

A relação entre Quentin e Sutpen é fundamental para o entendimento do passado e do presente nessa obra. E, de acordo com Waggoner, nesse encontro, especificamente entre Quentin e

⁵ Waggoner descreve todas as vozes que narram. O capítulo um, conforme já apontado, é narrado por Rosa Coldfield; o segundo, o terceiro e o quarto pelo pai de Quentin; o quinto é novamente por Rosa; o sexto por Shreve. Ele reconta o que Quentin tinha lhe contado, com base na narrativa do pai. O sétimo é narrado por Sutpen. É a história que ele contou para o avô de Quentin. O oitavo é narrado por Shreve e Quentin. Eles reinterpretam de forma mais simpática a história de Charles Bon, filho de Sutpen, do seu primeiro casamento, no Haiti. O nono apresenta uma perspectiva geral de toda a história, por Quentin e Shreve. Devemos ressaltar que o crítico não aponta as nuances das vozes narrativas, por exemplo, a alternância entre a 1ª e a 3ª pessoa, a fusão das vozes, as vozes dos negros e as dos vizinhos que ajudaram a compor a história. Além disso, não aponta para o fato de que Quentin também narrou para seu pai parte da história que nem ele (pai) e o avô sabiam. Quentin contou o que ouviu de Rosa.

Henry, está a prova de que o passado é real. Esse fato é que motiva a busca pelo entendimento desse passado.

Ao final do capítulo nove, a partir de Quentin e de Shreve, finalizamos com duas questões importantes: a que Sutpen trouxe a destruição para si mesmo e a que Bon pediu ao seu pai apenas o reconhecimento. A primeira questão tem uma relação direta com a segunda. E a segunda é verdadeira somente se considerarmos que a imaginação de Quentin e Shreve é real. Se eles estão certos em estimar Bon, significa que a causa dos trágicos acontecimentos que resultaram dos desejos de Sutpen foi a recusa dele em reconhecer o filho que tinha uma parte de sangue negro nas veias. O que significa dizer que não foi o incesto a causa da destruição da casa de Sutpen, mas o preconceito racial. Entretanto, Quentin e Shreve não estão seguros dessa verdade. E, se eles estiverem errados, o fracasso de Sutpen não estaria relacionado a um fracasso moral, mas a uma falta de conhecimento tanto dele, acerca da condição da mulher com a qual se casou no Haiti, quanto de Bon em relação ao seu parentesco com Judith.

De acordo com Waggoner, o título do livro, que faz alusão a uma história bíblica, sustenta que a hipótese de Quentin e Shreve é verdadeira, uma vez que Sutpen não diria “meu filho” a Bon, como disse Davi ao seu filho Absalão, mesmo depois de ele ter se rebelado contra o pai. E da mesma forma Henry, mesmo sendo muito diferente do pai, tinha o mesmo preconceito, pois ele matou Bon não em função do incesto, mas em função da miscigenação. Sendo assim, a grande questão que se relaciona à destruição do velho Sul é sua incapacidade de admitir uma irmandade que ultrapasse a linha racial.⁶

2 A HISTÓRIA DO REI DAVI: UMA HISTÓRIA DE TRIUNFO E DE FRACASSO

Waggoner menciona a relação entre a história de Sutpen e a do rei Davi. Entretanto, essa história é bem mais complexa do que simplesmente o perdão de um pai a um filho rebelde. A história do rei Davi começa a ter relevância quando Deus reprova o rei de Israel, Saul. A nação precisava de um rei e Deus escolhe Davi, ainda muito jovem. Desde a unção de Davi, pelo profeta Samuel, muitos anos se passaram e muitas foram as peregrinações e as provas dele antes que se tornasse rei. Uma das suas maiores dificuldades foi a perseguição de Saul, que pressentiu que Davi

⁶ Waggoner prossegue ainda seu estudo dizendo que esse tema racial é mais amplo e profundo. Não desconsideramos a importância e relevância desse tema e nem as considerações finais desse crítico, mas nossa leitura seguirá com a questão do incesto, relacionado à família de Davi que consideramos também bem mais amplo e mais profundo do que foi apontado por Waggoner.

seria rei, em vez de seu filho Jônatas. Em função dessa perseguição, Davi decidiu viver entre os filisteus e também lutar a favor deles contra seu povo, contra o exército de Israel, liderado por Saul. Entretanto, o líder dos filisteus não acreditou na fidelidade de Davi e não permitiu que fosse a essa guerra. Foi nessa guerra que Saul e seu filho Jônatas morreram. Depois da morte do rei e do seu sucessor, Davi foi aclamado como rei de Judá, uma das tribos de Israel. Depois dessa posse, Abner, capitão do exército de Saul, faz guerra contra Davi em favor de outro filho de Saul: Isbosete. Daí para frente começa então uma longa guerra entre a casa de Davi e a de Saul. Depois de longa peleja, de vários acontecimentos, dentre eles a aliança de Davi com Abner e o assassinato deste por Joabe, capitão do exército de Davi, só então, Davi é constituído rei de toda a nação de Israel.

No reinado de Davi, a nação de Israel se tornou a mais poderosa da terra. Ele conquistou várias nações. Seu reinado foi realmente engrandecido e ele era responsável pela administração da justiça e retidão em Israel: “e pôs guarnições em Edom, em todo o Edom pôs guarnições, e todos os edomitas ficaram por servos de Davi; e o Senhor ajudava a Davi por onde quer que ele ia. / Reinou, pois, Davi sobre todo Israel; e *Davi julgava e fazia justiça a todo o seu povo*” (BÍBLIA SAGRADA, 2 SAMUEL, 8:14,15, grifo nosso). Esse homem, que se tornou o mais poderoso da terra, que era ajudado por Deus e que julgava e fazia justiça a toda a nação de Israel, cometeu adultério e assassinato. O homem assassinado, Urias, era um dos homens mais fiéis que Davi tinha no seu exército. Deus não se agradou das ações de Davi e enviou o profeta Natã para lançar-lhe em rosto a sua transgressão.

O profeta Natã utiliza uma história para ilustrar a falta de Davi e observar o julgamento que Davi daria ao transgressor. Ele contou o caso de dois homens: um rico e um pobre. O homem rico dono de muitas ovelhas e vacas, na ocasião da chegada de um viajante, deixou de pegar das suas criações e tomou a única ovelha que tinha o homem pobre. Davi, quando ouviu essa história, ficou enfurecido e disse que o homem que fez tal coisa é digno de morte. Depois que ele disse isso, o profeta Natã emitiu as seguintes palavras: “Tu és este homem. Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel e eu te livre das mãos de Saul (...)” (BÍBLIA SAGRADA, 2 Samuel, 12:7).

Ao ouvir esse pronunciamento, Davi se expressa da seguinte forma: “Pequei contra ti Senhor”. E Natã diz: “Também o Senhor traspassou o teu pecado; não morrerás”. Com o reconhecimento da falha que cometera, Davi achou graça diante dos olhos de Deus e foi perdoado. Entretanto, as consequências da transgressão seriam vivenciadas duramente por ele. Nos próximos 25 anos da sua vida, perdeu quatro filhos: a criança que era filha de Bate-Seba, que fora mulher de

Urias; Amon, que foi assassinado pelo irmão Absalão; Absalão, assassinado por Joabe, chefe do exército de Davi, e Adonias, por Salomão, filho também de Davi. Além da dor da morte dos filhos, sofreu com o fato de que estes, com exceção da criança, foram assassinados por seus próprios irmãos e por um homem que deveria ser da sua confiança. A criança morreu imediatamente à repreensão de Natã. O próximo foi Amon.

É com Amon que se dá a história do incesto. Ele se apaixona perdidamente por Tamar, filha da mesma mãe de Absalão. Para conseguir desposá-la, Amon cria uma situação. Finge que está doente e pede ao rei Davi que peça a Tamar para vir preparar-lhe comida. Assim faz Davi. Quando Tamar se aproxima oferecendo-lhe comida, ele pede para que ela se deite com ele. Ela tem consciência que tal costume era proibido em Israel. Mas foi forçada pelo irmão que, depois da consumação do ato sexual, aborrece a irmã.

Davi, depois da injustiça que cometera, perdera por completo a autoridade sobre os filhos. Quando soube do que acontecera à sua filha se ardeu em ira, mas nada fez para corrigir Amon. Desde esse momento, Absalão odiou Amon e planejava matá-lo. Foi o que ele fez. Depois de ter matado o irmão e fugido é que, no retorno a Jerusalém, se rebela contra Davi e o expulsa de Jerusalém. Há guerra entre os homens de Davi e os de Absalão. Nessa guerra, Absalão é morto e isso causa um profundo desgosto em Davi. É na ocasião que fica sabendo da morte do filho que Davi diz: “Quem me dera que eu morrera por ti, *Absalão, meu filho, meu filho!*” (BÍBLIA SAGRADA, 2 Samuel, 18:33, grifo nosso). O último filho a ser assassinado foi Adonias. Ele quis reinar no lugar de Salomão. Na ocasião da morte dele, Davi já havia morrido.

No ponto em que estamos, é necessário estabelecermos a relação entre as obras *O som e a fúria* e *Absalão, Absalão*. Dessa forma podemos perguntar “quem” se interessa tão avidamente pela história da família Sutpen e “por quê”? Os conflitos de Quentin em *O som e a fúria* estão relacionados aos sentimentos que ele nutre por sua irmã Caddy. Consideramos que esse é o grande motivo que desperta o interesse de Quentin, ou seja, ele quer conhecer uma história semelhante à sua.

Vimos que, de acordo com Waggoner, o título do livro *Absalão, Absalão* faz referência à história do rei Davi e isso sustenta que a hipótese de Quentin e Shreve é verdadeira. A hipótese de que o fracasso de Sutpen não está relacionado ao incesto, mas à falta de aceitação do filho por parte de Sutpen. Além disso, considerou que Henry, mesmo sendo muito diferente do pai, tinha o mesmo preconceito, pois ele matou Bon não em função do incesto, mas em função da miscigenação. Entendemos que o fracasso de Sutpen, assim como o de Davi, é anterior ao incesto, mas este não

pode ser desprezado como marco do declínio final da família. Sem desconsiderarmos o preconceito de Sutpen, visto que ele confessou ao avô de Quentin ter abandonado a mulher, no Haiti, quando descobriu que ela tinha parte de sangue negro, e o de Henry, queremos apontar que Henry também tinha sentimentos muito fortes em relação à irmã.

Já sabemos que Quentin e Shreve reinterpretem a história que foi contada pelo pai e por Rosa e eles compreendem melhor algumas ações com menos preconceito. Mas compreendemos que, ao reavaliar essa história, Quentin procura amenizar também sua consciência oprimida pelo peso do incesto. É preciso encontrar uma transgressão maior do que o incesto, a não aceitação da miscigenação, para justificar a decadência do Sul e a sua destruição pelo Norte. Se ele não encontra uma transgressão maior, também será culpado por essa destruição.

Vimos que Waggoner considera a obra *Absalão, Absalão* uma reconstrução do passado. Além de fazer essa reconstrução, o romance também é a reconstrução das causas das ações dos homens. Quentin quer compreender melhor sua história, com uma história semelhante à sua. E buscando as motivações mais profundas, talvez, o que seria abominável numa análise superficial se apresenta como uma virtude. E, se não como virtude, pelo menos deixa claro a complexidade da situação que resultou em determinada ação.

A verdade acerca dos fatos passados nem sempre é encontrada quando se pensa nas ações exteriores dos homens. Subjacente às ações estão as motivações profundas e que somente podem ser compreendidas se pensadas com certo distanciamento e sem preconceitos. Na busca de Quentin de compreender seus sentimentos pela irmã, que destoavam dos valores mantidos pela tradição familiar dele, pensava acerca das motivações de um ladrão. De acordo com suas reflexões, nem sempre um ladrão rouba por ganância, mas pode ser por amor; um assassino pode ser motivado pela piedade, pela compaixão. Quando analisa os sentimentos de Judith percebe que implicitamente ela oferecia confiança a Charles Bon, mas, na realidade, esse sentimento era amor. Quentin procurou analisar os sentimentos e as decisões de Judith até que ela chegou à sua decisão final: “eu amo e não vou aceitar nenhum substituto; alguma coisa aconteceu entre ele e meu pai; se meu pai estava certo, não voltarei a vê-lo; se errado, ele virá ou me procurará; se tiver que ser feliz, serei; se tiver que sofrer, sofrerei” (FAULKNER, 1981a, p.107). As decisões dos homens que resultam em ações concretas são precedidas por uma convulsão de sentimentos conflituosos e contraditórios. As análises das consequências de cada decisão fazem resultar numa escolha. São essas escolhas que Quentin deseja compreender e para melhor entender seus sentimentos e suas escolhas interessa-se pela compreensão das ações dos outros para que estas iluminem melhor as suas.

3 TEMPO, NARRATIVA E DESTINO

O estudo de Jean Pouillon aponta para a forte relação que há nas obras de Faulkner entre o tempo e o destino das personagens. Segundo ele, são poucos os romances que apresentam um peso tão intenso do destino sobre a vida das personagens. Um dos grandes propósitos de Faulkner ao desordenar a narrativa, embora a coerência permaneça, seria mostrar o senso fatal de opressão. Isso não poderia ser evidenciado numa narrativa linear, cronológica. Desordenando a narrativa, o novelista está obedecendo à natureza das coisas. Com base nessas pressuposições, Pouillon mostra como o tempo aparece nos romances de Faulkner e como esse aparecimento tem consequências na aparente desordem da narrativa e como essa narrativa cria a impressão de fatalidade.

Os dois primeiros capítulos da obra *O som e a fúria* são apresentados a partir do monólogo interior e o leitor é posto em contato com um presente que estabelece, via associação mental por objetos, sons e cheiros, relação com um passado que é apresentado via memória. Com isso, Faulkner mostra que o presente é inundado do passado e o que é vivido no presente é o que foi vivido no passado. Assim, o passado não somente é evocado, mas exerce uma forte pressão sobre o presente, ou seja, o que foi exerce uma pressão sobre o que é. Nesse caso, a consciência que se apresenta ao leitor é principalmente a memória da personagem. Mas essa memória não é o tipo de memória que simplesmente estabelece uma ligação entre o presente e o passado, mas o tipo de memória que apresenta o que realmente existe. Ela não se reconhece como memória, mas como realidade. Assim é que, segundo Pouillon, o cerne da construção de Faulkner é a apresentação de um passado que permanece não somente em nível de memória, mas no de realidade. Pouillon ilustra essa questão com a passagem da briga de Quentin com um dos seus colegas (a recordação da briga de Quentin com o namorado de Cady, a irmã que ele amava, o fez agredir um colega, sem que ninguém pudesse entender o que de fato estava acontecendo). Nesse sentido, o passado coexiste com o presente, é uma parte do presente e não deve ser desemaranhado cronologicamente, pois, se fosse, teríamos tão somente uma sucessão de passados relativos e presente e não o passado faulkneriano que é extratemporal. O fato de ser extratemporal não significa que o passado se encontra em outro terreno, em outra dimensão, pois o passado, sem marcas definidas de tempo, acompanha cada momento cronológico do presente.

O fato de o passado estar tão entranhado com o presente, e o fato desse presente significar passado, faz com que o herói faulkneriano se sinta com destino ao passado que não pode ser destituído. É nesse ponto que a questão do destino aparece. O destino está ligado ao passado e não ao futuro. O futuro não existe para personagens como Sutpen, porque ele não pode se desvencilhar

do passado. O passado é a única realidade em Faulkner, ele é incólume e, por isso, também é o destino dos heróis. Nesse caso, o passado não somente era, mas é e será. Esse fato impede que o destino dos heróis seja mudado pela realização de alguma ação ou de algum evento. O passado não será mudado.

Essa concepção de passado trará consequências para a construção da narrativa faulkneriana. A destruição da cronologia é o mais evidente resultado. Há duas razões que demonstram que a ordem cronológica arruinaria esse tipo de passado. A primeira é que o passado seria uma mera sucessão de agoras que valeriam por si mesmos, estariam isolados, e não pela identificação que teriam com o passado. A segunda é que a cronologia cortaria em pedaços passados, presentes e futuros e não mostraria o aparecimento simultâneo de unidades temporais distintas. Não somente a concepção de tempo de Faulkner faz com que ele narre da forma como narra, mas também sua visão das pessoas e dos eventos. Faulkner poderia ser acusado de artificial, uma vez que temos conhecimento que os fatos ocorrem numa certa ordem. Isso é verdade, mas, para se compreender o ponto de vista dele, segundo Pouillon, é preciso distinguir entre consciência e conhecimento. Para ele, a consciência é inevitável e o conhecimento somente uma possibilidade. De acordo com o tipo de personagens criadas por Faulkner, a omissão do conhecimento não deforma a natureza humana como, por exemplo, Benjy. A cronologia, visto que é uma posterior organização da vida, está no domínio do conhecimento. Ela é um tipo de liberação intelectual do destino. Esse fato nos assegura, segundo Pouillon, que o passado é, de fato, passado se nós sentirmos a pressão dele sobre o presente. De acordo com o crítico, as personagens de Faulkner não desfrutam da liberação intelectual do destino pelo domínio da cronologia. Ao invés disso, eles confirmam que o destino em Faulkner é o contrário de uma relação geométrica entre momentos situados cronologicamente.

Outra consequência da concepção de tempo de Faulkner é a utilização que ele faz do tempo passado durante toda a narração. Na narração, acontecimentos que estão próximos de se concretizarem são cortados e, quando retornamos a eles, já aconteceram. O que é contado não está acontecendo, mas sempre já aconteceu. Temos a ilusão de que acompanharemos o suicídio de Quentin, mas isso não acontece. O que nos ilude como presente já é passado.

A técnica de Faulkner não é artificial. Ele simplesmente enfatiza e generaliza a realidade psicológica da omissão. A natureza da visão de Faulkner converge para a concepção que ele tem do tempo: ele nunca vê os eventos importantes. Ele vê somente por meio dos seus heróis e, como esses

heróis, vê somente o passado deles. Nesse ponto, Pouillon faz uma comparação com a tragédia clássica francesa: os eventos trágicos são somente relatados, pois nós nunca os vemos acontecendo.

O último objetivo a ser alcançado por Pouillon é demonstrar como a narrativa, aparentemente desordenada, cria a impressão de fatalidade. Para isso, ele aborda o significado de destino. Este, tal como é observado nos romances de Faulkner, não deve ser comparado com um determinismo temporal que supostamente pressupõe uma sucessão cronológica. Nesse caso, o passado teria de se conservar numa progressão ordenada de presentes e, assim, o presente teria de ser concebido como a própria realidade dele, uma vez que o destino não seria completo sem ele. Em Faulkner, temos visto que a intensa presença do passado desqualifica o presente como tal e, portanto, elimina ou, pelo menos, transtorna a cronologia. O mais remoto passado afeta o presente pela sua presença imediata. As ações não são realizadas mediante um ponto de vista lógico, mas psicológico. Portanto, é na consciência que está o sentimento de ser dominado pelo destino e não numa estrutura de tempo abstrata. O destino é um sentimento interno de fatalidade, ou seja, o herói sente seu destino de dentro dele mesmo, mas isso não significa dizer que herói conhece esse destino. Ele tem um vago pressentimento do que poderá acontecer com ele e se sente responsável pelo que irá acontecer. O herói tem consciência do destino sem ter conhecimento dele. Ele sabe que algo o aguarda, mas não consegue distinguir o quê. Também não se apresenta surpreso pelo que pode acontecer porque ele, pelo menos, sabe que nenhum futuro pode livrá-lo do passado dele. O conhecimento do destino é a anulação dele, é a perda da fatalidade misteriosa do tempo.

4 A IMAGEM DA ETERNIDADE

Algumas considerações de Claude-Edmonde Magny, em “Faulkner or theological inversion”, têm muita relevância para a leitura que nos propomos fazer da relação entre tempo, memória e eternidade que a ligação entre as obras *O som e a fúria* e *Absalão, Absalão* permite entrever. Esse autor não desconsidera os estudos de Jean-Paul Sartre e Jean Pouillon acerca do tempo. Assim como esses críticos, bem como Malcolm Cowley, Magny considera que a complexidade da ficção de Faulkner está relacionada à visão de mundo que ele pretende expressar e tem a ver com sua concepção de tempo. Magny está de acordo com o protesto de Sartre acerca da alienação do homem em relação à sua liberdade, o que está ligado ao fato de o futuro não existir nas obras de Faulkner. Entretanto, considera que a razão apontada por Sartre para explicar a obsessão de

Faulkner pelo passado, ou seja, as condições sociais da vida presente, é insuficiente. Para ele, a questão do tempo em Faulkner põe à tona questões metafísicas mais profundas. A imagem de um tempo imóvel, sem sucessão, aponta, segundo Magny, para a eternidade.

Magny se refere às árvores genealógicas criadas por Faulkner, para ele, elas nos lembram das longas genealogias bíblicas que se relacionam aos ascendentes de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Ainda segundo esse crítico, o nascimento de Cristo é um evento eterno, uma vez que foi anunciado desde o livro de Gênesis, desde o princípio da humanidade. Esse evento faz com que a sucessão de momentos históricos que se relacionam à genealogia de Cristo torne-se eterna também. Em outras palavras, isso quer dizer que o nascimento de Cristo é a inserção da História na Eternidade. O homem sem a promessa da salvação está entregue à fatalidade do destino. As personagens de Faulkner sentem essa fatalidade, conforme vimos anteriormente. Sutpen e Quentin são personagens aflitas e cheias de conflitos porque aguardam a punição que merecem. Isso significa que o mundo de Faulkner é um mundo que precede a encarnação. Nesse mundo, a esperança, segundo Magny, não existe. A Esperança, que é Cristo, ainda não nasceu.

Não consideramos que o mundo de Faulkner precede a encarnação, mas que a maioria absoluta das personagens de Faulkner não internalizou a encarnação de Cristo e, por isso, permanece sem uma existência duradoura. Para Magny, a obra de Faulkner consegue representar a imagem imóvel da eternidade. Essa imagem de eternidade, segundo o crítico, é sustentada pela mente humana. A eternidade é imagem imóvel que se opõe ao tempo que é sucessivo, que é objetivo e é a articulação dos movimentos celestes. E esse tempo foi criado e é uma imitação de um modelo que é móvel. Magny cita a obra *Timeu*, de Platão, pois é lá que encontramos essa concepção de tempo. Na obra de Aristóteles, que dá sequência à de Platão, a eternidade já é deixada de lado e o tempo é apenas número do movimento. Em comum nesses autores está o fato de o tempo ser exterior à alma.

De acordo com Magny, o tempo de Faulkner é a imagem da eternidade, pois é um tempo que se apresenta sem movimento e, com ele, dá aos seus personagens uma esperança de vitória. Entretanto, o olhar deles para o passado torna-se um substituto para essa impossível contemplação que é a eternidade. É assim que, como os judeus do Velho Testamento, os negros do Sul dos Estados Unidos e as personagens de Faulkner estão com os olhos postos no passado. Os judeus se lembram do cativeiro da Babilônia e nada poderá ser diferente até que ocorra o grande evento da encarnação.

A imagem imóvel da eternidade, visto que não apresenta sucessão, mas simultaneidade, que é uma das formas da representação do tempo em Faulkner, é incorporada à estrutura imanente

do romance *O som e a fúria*⁷. Essa incorporação se concretiza na fusão dos tempos passado e presente, ou seja, na simultaneidade temporal. A questão do fluxo de consciência é essencial para a concretização da multiplicidade temporal, pois o movimento da consciência não é linear, semelhante ao avanço do relógio. Mas é nela, na consciência, que é possível a liberdade das mudanças temporais. Nesse ponto, já não podemos pensar o tempo a partir das concepções objetivistas de Platão, Aristóteles, Newton e Einstein, mas a partir das concepções subjetivistas de Santo Agostinho e Bergson.

Um dos problemas que se apresentam quando tratamos do tempo é a relação entre o tempo da natureza e o tempo da consciência e a narrativa ficcional é que poderia solucionar essa dificuldade. O modo como essa questão é resolvida em Faulkner é a apreensão que esse autor faz da natureza problemática e dialética da relação entre o indivíduo e o meio em que ele vive. Se por um lado o cenário nas obras de Faulkner é a mente das personagens, por outro ele não prescinde do enredo, da tessitura da intriga. Assim podemos ver, simultaneamente, a relação entre o tempo da consciência, que é visto no interior da mente das personagens e o da natureza, que é incorporado à tessitura da intriga.

A intensificação dos conflitos de Quentin, que estão relacionados ao incesto, torna o discurso cada vez mais fragmentado e cada vez mais simultâneo e, por isso, a separação de segmentos temporais é difícil. No ápice do conflito, já não temos mais a alternância entre a descrição objetiva dos acontecimentos e as lembranças, mas a mente de Quentin passa ser o único cenário dos acontecimentos. Nesse ponto, percebemos a supressão da passagem do tempo, da sua sucessão e, portanto, apreendemos a imagem imóvel da eternidade. Devemos apontar nesse momento a relação obsessiva que Quentin tem com o tempo. O pai de Quentin dá-lhe um relógio de presente. Nesse momento pronuncia as seguintes palavras: “estou lhe dando o mausoléu de toda esperança e todo desejo; é extremamente provável que você o use para lograr o *reducto absurdum* de toda experiência humana” (FAULKNER, 2003, p. 73). A incapacidade de lidar com o tempo, o desejo de destruí-lo, faz Quintinquebrar o relógio.

Na realidade, a obra *O som e a fúria* é mesmo uma história única contada por quatro pontos de vista diferentes: o de Benjy, que tem deficiências mentais, o de Quentin, o de Jason e o de um narrador onisciente, a partir da perspectiva de Dilsey e da de Jason. Todos falam de Caddy, mas não ouvimos Caddy falar por si mesma. Os acontecimentos que são lembrados em *O som e a fúria* não são muitos e os principais, podemos dizer, são os seguintes: a morte da avó; o relacionamento de

⁷ Uma análise sobre a incorporação do tempo à estrutura da narrativa é feita no livro da autora deste artigo, no capítulo dois, intitulado *Tempo e memória na obra de William Faulkner*, publicado pela editora Todas as Musas, em 2012.

Caddy com Dalton Ames (esse é o evento principal da obra e o desencadeador da degradação moral dos Compsons); o casamento de Caddy com Herbert Head em abril de 1910, pouco antes do suicídio de Quentin; o nascimento da filha ilegítima de Caddy, quando ela casou já estava grávida; a consequente anulação do casamento com Herbert Head; o suicídio de Quentin, em junho de 1910, e a morte do pai, em 1913. Relacionados ao presente da narrativa, os eventos principais são a fuga de Quentin, filha ilegítima de Caddy, e o esforço de Jason para encontrá-la.

Cada parte da obra *O som e a fúria* é contada por um narrador, e a narração é sobre a decadência da família Compson, com base em distintos pontos de vista, é uma das características da técnica narrativa dessa obra. Cleanth Brooks, em *Man, time, and eternity*, também está de acordo com esse posicionamento. A distinção dos pontos de vista passa pela relação distinta que cada uma das personagens tem com o tempo e com a eternidade. Benjy não tem consciência do tempo e Quentin tem obsessão por ele e é apegado ao passado, porque lá está a glória da família. Jason é prático em relação ao tempo. Como sua mãe diz que ele não tem o sangue dos Compsons, mas dos Bascombs, ele não se importa muito com o passado aristocrático da família, mas se importa em estar atento ao tempo e em acumular o máximo de dinheiro possível. Por isso, sua visão está voltada para o futuro, não no sentido do futuro de Dilsey que aponta para o transcendente, mas o futuro dos mercadores, daqueles que estão com os olhos voltados para o comércio. O tempo provoca uma opressão nessas personagens, porque elas não têm transcendência. Não é o que ocorre com Dilsey e nisso reside também a diferença dos pontos de vista delas. A eternidade de Quentin é um simples segmento de tempo que faz permanecer o passado. A destruição dele converge para o título do romance, que remete a uma afirmação da personagem de Shakespeare, Macbeth, de que a vida é um conto narrado por um idiota cheio de som e de fúria e sem significação alguma (o primeiro capítulo de *O som e a fúria* é narrado por Benjy que tem deficiências mentais).

Quentin tem obsessão pelo tempo e também por sua sombra. São vários os momentos em que ele a menciona. Destacaremos alguns deles: “Quando eu voltar a ver minha sombra se não tiver cuidado a que eu enganei e fiz n’água vou pisar de novo na minha sombra invulnerável” (FAULKNER, 2003, p. 92). Adiante há um trecho em que a menção à sombra se relaciona ao tique-taque do relógio e às cartas que ele escreveu para serem lidas após seu suicídio: “Pisoteando os ossos da minha sombra contra o concreto com os saltos duros do sapato e então ouvi o relógio, apalpei as cartas através do paletó” (FAULKNER, 2003, p. 92). Em outro momento “eu caminhava sobre o ventre da minha sombra” (p. 92). O dia do suicídio de Quentin foi caracterizado por várias

caminhadas que ele fez próximo ao rio, o que desencadeou uma série de lembranças de Caddy, pois a presença do rio foi muito significativa na infância deles.

A imagem do relógio, da sombra, do rio e da ponte, que ele atravessa, convergem para aquele momento de ápice do conflito que antecede o momento da sua morte.

Depois de atravessar a ponte, Quentin fica observando os acontecimentos. Da observação dos acontecimentos exteriores, ele passa para reflexão interior. Uma vez que a história de Quentin relaciona-se à história de Sutpen – o incesto estabelece essa ligação – e a essa ligação, uma relação intertextual com a de Davi, rei de Israel, entendemos ser possível pensar a imagem da sombra a partir do seu significado nas Escrituras Sagradas. O Salmo 39, versículos 4-6, diz o seguinte:

Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim, e a medida dos meus dias qual é, para que eu sinta quanto sou frágil. Eis que fizeste os meus dias como a palmas; o tempo da minha vida é como nada diante de ti; na verdade, todo homem anda como uma sombra; na verdade, em vão se inquietam; amontoam riquezas e não sabem quem as levará.

Esses versículos demonstram o sentimento de fragilidade que tem o salmista, pois ele sabe que os seus dias são medidos e o tempo da vida dele, diante da eternidade de Deus, é nada. Por isso, o homem anda como uma sombra, ele é passageiro e não permanece, pois não tem a vida em si mesmo. Esse fato angustia-o, pois de nada adianta suas inquietudes e de nada adiantam as suas riquezas. Diante da constatação de sua efemeridade, o salmista faz o seguinte questionamento: “agora, pois, Senhor, que espero eu?” (BÍBLIA SAGRADA, Salmo, 39:7a), e ele mesmo responde: “a minha esperança está em ti” (Salmo 39:7b). Isso significa que o escape, a esperança, do salmista está em Deus. É essa esperança que arranca de si a ausência de sentido da existência humana. O sentido da existência humana está na ideia da travessia. Assim como os hebreus saíram do Egito, da condição de escravos, atravessaram o mar vermelho e chegaram à terra da conquista, a terra de Canaã, o salmista espera também fazer sua travessia. Essa travessia liga o homem ao transcendente e dá a ele uma existência plena de sentido, pois arranca dele o sentimento de destruição, visto que na transcendência o tempo e a morte não são implacáveis. Na transcendência, a morte não existe.

O rio e a ponte remetem à ideia da travessia de Quentin, mas sua travessia é vazia de sentido, pois “o deslocamento da água é igual ao não-sei-quê do não-sei-quê. *Reducto absurdum* de

toda experiência humana” (FAULKNER, 2003, p. 86). A água o faz lembrar-se dos ensinamentos do pai, carregados de ausência de sentido da vida, na ocasião em que lhe deu o relógio. A continuação dos seus pensamentos remete aos dois ferros de três quilos que ele comprou para que o ajudasse a ficar submerso na água do rio. O fluir da água e o do tempo é que remetem à absurdidade da existência humana. Não há escape e nem esperança para Quentin como tinha para o salmista.

Voltando à questão da imagem imóvel da eternidade, se considerarmos a oposição entre tempo e eternidade que já fora feita por Platão, veremos que, na eternidade, não existe o tempo, pois ela é sempre e não tem devir. Disso, resulta o entendimento de que o caráter sucessivo do tempo se relaciona à sua linearidade e, portanto, ao temporal, enquanto que o caráter simultâneo se relaciona à justaposição e, portanto, ao eterno. Nosso mundo visível seria a imitação móvel da eternidade e, antes da criação do céu, não havia o tempo. Também Santo Agostinho faz essa oposição entre tempo e eternidade. Se o tempo começa a existir é porque teve um começo, uma criação. Se a eternidade é sempre e não tem devir, compreendemos que o tempo foi criado por alguém, de acordo com Santo Agostinho, por Deus, criador não somente do tempo, mas de todo universo e seres vivos, a partir da eternidade que é sempre. Se a eternidade é sempre, implica que o tempo se relaciona a algo (eternidade) que se estende infinitamente para o passado e para o futuro. No Salmo 90, versículo 2, a Bíblia diz o seguinte: “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus”. Essa referência a “antes” indica que o tempo existiu antes da criação das coisas físicas e, portanto, do céu, conforme aponta Platão. Nesse caso, a criação do mundo visível, que seria, para Platão, a imitação da eternidade, pode ser considerada como um ato temporal de Deus.

Dissemos anteriormente que a simultaneidade do tempo se relaciona à eternidade. Isso converge para o que está dito no Salmo 90, versículo 2, uma vez que Deus se relaciona a essa eternidade, visto que é eterno. Sua eternidade se relaciona ao fato de poder apreender o tempo de forma simultânea. O passado e o futuro são conhecidos por ele como o presente. A eternidade de Deus se opõe à temporalidade dos seres humanos. Deus pode apreender o tempo de forma simultânea, mas os seres humanos somente podem percebê-lo pela sucessão de eventos. Conforme aprendemos com Santo Agostinho, nosso presente é marcado pela efemeridade, pois, em poucos segundos, ele se torna passado e somente pode ser recapturado pela memória e o nosso futuro é desconhecido para nós e somente existe em termos de espera, de expectativa.

Quando falamos de eternidade, tomando como ponto de partida a história dos hebreus, teremos de considerar que a Bíblia⁸ pode ser referência para lidarmos com tais assuntos.⁹ Assim, veremos que ela nos indica outra forma de pensar a relação, além da oposição, como apontado por Platão e Santo Agostinho, entre tempo e eternidade. Vimos que a criação de Deus foi um ato temporal e esse mundo visível que foi criado possui uma relação com um tempo que se estende infinitamente para o passado e para o futuro. Se a referência a “antes”, do Salmo 90:2, indica que o tempo existiu antes da criação das coisas físicas, devemos buscar referências que indicam que o tempo também existe na eternidade, por exemplo, Apocalipse 8, v. 1: “e, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase *por meia hora*” (grifo nosso). Sendo assim, somos levados a pensar que a eternidade futura e/ou passada é eterna no sentido que nunca terá fim, ela durará para sempre e não no sentido de ser intemporal. A descrição que se refere à Nova Jerusalém evidencia bem essa questão:

E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro.

No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas das árvores são para a saúde das nações.

E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão.

E verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome.

E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia, e reinarão para todo sempre. (BÍBLIA SAGRADA, Apocalipse, 22: 1-5).

Há neste texto uma série de acontecimentos que indicam atos inseridos no tempo. Por exemplo, a água que procedia do trono simboliza sua fluidez, o percurso que ela faz; o ato de reinar, por sua vez, representa o “trono de Deus e do Cordeiro” e os frutos, que amadurecem de mês a mês, apontam para a transformação que também é peculiar à passagem temporal.

⁸ Utilizamos a edição revista e corrigida, de 1995.

⁹Northrop Frye, em *Código dos códigos: a bíblia e a literatura*, aponta para a importância da incorporação do estudo da Bíblia nos limites das investigações crítico-literárias. Para ele, a Bíblia possui uma estrutura imaginativa e um universo mitológico que foi explorado intensamente pelo Ocidente até o século XVIII e, menos intensamente, a partir daí, mas sempre presente. Para esse crítico, é importante ler a Bíblia como uma unidade e foi como uma unidade que ela teve peso sobre a imaginação do Ocidente. Nas palavras dele, “aqueles que conseguirem ler a Bíblia do começo ao fim descobrirão pelo menos que ela tem um começo e um fim – e resquícios de uma estrutura completa. Ele começa com o começo do tempo, na criação do mundo; e termina com o término do tempo, no Apocalipse. No meio do caminho ela resenha a história humana, ou o aspecto da história que lhe interessa, sob os nomes simbólicos de Adão e Israel. Há também um corpo de imagens concretas: cidade, montanha, rio, jardim, árvore, óleo, fonte, pão, vinho, noiva, carneiro e muitas outras. Elas são tão recorrentes que indicam claramente a existência de um princípio unificador”. (FRYE, 2004, p. 11).

Se pensarmos por esse caminho, veremos que a oposição entre tempo e eternidade pode ser redefinida mediante uma relação de complementaridade, pois, na eternidade, a sucessão e a simultaneidade estão imbricadas. Isso implicaria que Faulkner, ao estabelecer um diálogo intertextual com a história do rei Davi, fez uma inversão dessa história e da concepção de tempo pressuposta nela. Poderemos compreender melhor essa afirmação se conhecermos melhor as histórias de Sutpen e a do pacto que Deus fez com Davi. Esse pacto e a relação que Davi tinha com Deus livram-no da fatalidade do destino e põe a sua esperança no futuro e não no passado. Por causa da relação de Davi com Deus, a transgressão de Davi é perdoada e, por isso, ele não tem de ficar rememorando os erros do passado para descobrir o erro fatal que causou sua ruína.

5. SUTPEN E DAVI: FATALIDADE MISTERIOSA DO TEMPO E O SILÊNCIO DOS ESPAÇOS INFINITOS X CONSOLAÇÃO QUE REPOUSA NA ETERNIDADE

Já conhecemos a transgressão de Davi: homicídio e assassinato. Deus usou um profeta e claramente apontou o erro de Davi. Não foi o que ocorreu com Sutpen, por isso, seu grande objetivo é descobrir onde errou: “Esta é a pergunta: Onde errei, o que fiz ou deixei de fazer, a quem eu prejudiquei a ponto de chegar a isso. Eu tinha um desígnio”. (FAULKNER, 1981, p. 238).

O avô de Quentin possui a função do profeta Natã. Entretanto, diferentemente de Natã, o coronel não sabia exatamente qual era a transgressão de Sutpen. Por isso, a conversa entre eles não foi tão breve como a de Natã e Davi, mas foi uma longa conversa. Parte dela foi realizada no escritório do coronel.

Sutpen sente o peso da fatalidade do destino, pois sabe que suas ações foram más. No diálogo com o avô de Quentin, embora estivesse em busca de alguém para lhe ajudar a identificar seu erro fatal, ele mesmo reconhece o erro principal e ele mesmo se encarrega de se justificar. Ele sabe que abandonou uma mulher e um filho e se casou com outra. Mas se justifica dizendo que a deixou plenamente amparada. Ele não sabe a fatalidade que lhe espera, mas reconhece que ela existe.

Sutpen fez o que podia para amenizar a sua consciência, mas foi inútil. Trinta anos depois ela continuava a martelar e fazer-lhe sentir o peso do erro cometido. Mesmo tendo sido feito um acordo, segundo Sutpen, a consciência não lhe deixou tranquilo durante os anos seguintes. Na

realidade, Sutpen perceberá, cada vez mais, que nunca houve um acordo, mas somente uma simulação.

Consideramos que a relação de Sutpen com Sabina, a mulher com parte de sangue negro nas veias, foi o princípio de sua ruína, porque foi abandonada, passou os anos da vida dela tentando vingar-se de Sutpen. Daí que nunca houve acordo entre eles. Bon, o filho dela e de Sutpen, foi enviado à Universidade do Mississippi para travar conhecimento com Henry e desencadear a vingança tão esperada. A situação de Sutpen foi agravada pela ambição do advogado que Sabina contratou, mais do que pela própria Sabina. Este advogado foi o responsável, juntamente com a Guerra Civil, pela derrocada final de Sutpen.

Ao final da vida, Sutpen sente-se completamente derrotado. Tem vontade de recomeçar, mas sabe que já não poderá reconstruir-se. Ele tem consciência de que não é livre da ordem do tempo. Sabe que jamais poderá vencê-lo. Ele sabe também que o infortúnio do homem é ser temporal.

Quentin se encontra na mesma situação. Como não encontram consolo, a passagem do tempo é mais dolorosa para eles. O relógio é o grande mausoléu de todo desejo e esperança. Tudo sucumbe com o passar do tempo. O relógio foi dado a Quentin para que ele pudesse se esquecer, por algum momento, do tempo e para que não gastasse suas energias tentando vencê-lo, jamais se pode conquistá-lo. A batalha nem deve ser começada, o campo em que ela é realizada “revela ao homem apenas sua própria loucura e desespero”. A vitória que se poderia alcançar com a obra de arte é apenas “uma ilusão de filósofos e néscios”. Estamos fadados a perder a batalha. Estamos fadados a ter todos os nossos projetos e desejos enterrados pelo tempo. Estamos fadados a deixar de existir, por isso o tempo é um terror para nós.

Sutpen também tinha consciência da destruição do tempo. Tinha consciência que seus projetos não teriam continuidade porque já não tinha mais tempo para concretizá-los. Tinha consciência da fatalidade misteriosa do tempo e do silêncio eterno dos espaços infinitos.

A esposa de Sutpen, a segunda, Ellen, estava morta. Seu filho Bom, filho com Sabina, fora assassinado por Henry. O casamento de sua filha, Judith, foi completamente desfeito com a morte do noivo, Bon. A propriedade fora destruída pela Guerra Civil. Ele (Sutpen) voltara da Guerra e estava disposto a recomeçar, mas o tempo estava passando. A coragem, a vontade, a esperteza, importantes no seu passado, quando decidiu começar o seu império, já não lhe preocupavam. Não era sua habilidade para recomeçar o que era o problema, ele já havia feito isso antes. Mas sua preocupação era não mais ter tempo. Ele sabia que seu futuro era bem pequeno e toda a sua

existência estava apenas no passado. Mesmo que ele não desperdiçasse o tempo não seria possível realizar o seu desejo.

A passagem do tempo para Davi não é algo que lhe angustia, para ele, há uma consolação, uma vez que sua existência tem continuidade na eternidade. A concepção de tempo de Davi é bastante distinta das de Sutpen e Quentin, não porque eles desconhecem a concepção de Davi, mas porque eram indiferentes a ela. Sutpen se casou com Ellen, filha de um pastor metodista. Seus filhos, Henry e Judith, foram criados dentro da tradição cristã. O fragmento a seguir, que se refere a Henry, evidencia essa afirmação:

Nascido de dois metodistas (ou de uma longa linhagem de metodistas) e tendo sido criado no Mississippi do Norte, provinciano, tendo de enfrentar um incesto, o incesto de todas as coisas que deviam ser reservadas, guardadas por ele, e com toda a sua tradição e educação teve de se rebelar contra esse princípio, vivendo uma situação que ele próprio sabia que nem o incesto nem a educação iriam ajudá-lo a resolver. (FAULKNER, 1981, p. 306).

Sutpen, Henry e Quentin, este também fora educado segundo os princípios cristãos, não conseguiram incorporar o consolo interno por meio da compreensão da aliança davídica, mas, tão somente, conseguiram incorporar as noções de culpa e de agonia espiritual tão comuns nas obras de autores americanos. As questões que foram configuradas nas obras estão nas bases filosóficas que permeiam os ideais americanos. Dentre elas, uma está firmada em Jonathan Edwards que foi símbolo do fervor religioso na América.

Já conhecemos a vida de Davi. É preciso agora evidenciar a aliança que ele tinha com o Deus de Israel. Faremos menção ao Salmo 89, que é um dos Salmos messiânicos. A aliança que Deus fez com Davi encontra seu pleno cumprimento no nascimento de Jesus Cristo. Daí a afirmação de Magny acerca da relação entre o que é eterno e o que é histórico. Leiamos o Salmo. Ele é longo, por isso decidimos demonstrá-lo até o versículo 37:

As benignidades do Senhor cantarei perpetuamente; com a minha boca manifestarei a tua fidelidade de geração em geração. Pois disse eu: a tua benignidade será edificada para sempre; tu confirmarás a tua fidelidade até nos céus, dizendo: Fiz um concerto com o meu escolhido; jurei ao meu servo Davi: a tua descendência estabelecerei para sempre e edificarei o teu trono de geração em geração.

O Novo Testamento em vários contextos reafirma essa aliança de Deus com Davi. Alguns exemplos estão em Lucas 1:31-33, ocasião do anúncio do nascimento de Jesus; em Atos 13:34, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, Paulo reafirma a aliança com os judeus, e em Timóteo 2:8, quando Paulo relembra a Timóteo acerca da descendência de Jesus.

A maioria dos Salmos foi escrita por Davi, mas este foi escrito por Etã. Coincidentemente, o nome Etã significa Deus é constância, persistência. Esse Salmo 89 fala exatamente da constância de Deus em manter suas promessas. Sobre esse Salmo, desejamos destacar algumas questões: a imutabilidade da aliança entre Deus e Davi; seu início; a que exatamente se refere; as suas consequências e a ilusão da sua interrupção.

A aliança feita entre Deus e Davi somente tem validade eterna porque sua base não é a lei de Moisés, mas a graça de Deus, por isso a permanência dessa aliança na eternidade é resultado da fidelidade de Deus e não do homem. Prova disso é que o fracasso dos descendentes de Davi em cumprir os mandamentos de Deus não a invalidou.

A infidelidade dos descendentes de Davi seria tratada com açoites, mas a fidelidade a Davi permaneceria. Já no reinado de Salomão, filho de Davi, Deus anunciou a divisão do reino de Israel. Salomão recebeu de Deus as mesmas promessas de Davi, mas ele não foi fiel a Deus como seu pai. No reinado de Roboão, neto de Davi, o reinado foi efetivamente dividido, dez tribos ficaram no Norte e duas tribos, a de Judá e de Benjamin, no Sul. As dez tribos do Norte foram levadas cativas pela Assíria e perderam completamente o vínculo com a tradição que haviam recebido. As duas do Sul foram levadas para a Babilônia, mas, setenta anos depois, retornaram a Jerusalém. Foi a tribo de Judá que Deus preservou para que pudesse cumprir suas promessas a Davi. Jesus é descendente dessa tribo.

O início da aliança se dá quando o profeta Samuel unge Davi. Esse fato está registrado em 1 Samuel 16:13 e é lembrado no Salmo 89: “Achei a Davi, meu servo; com meu santo óleo o ungi; com ele a minha mão ficará firme, e o meu braço fortalecerá”. Anteriormente, Deus também havia mandado o profeta Samuel ungir a Saul, mas Saul não fora o eleito de Deus, por isso Deus não firmou com ele uma aliança eterna. E a aliança claramente se refere não somente a Davi, mas também aos seus descendentes. Duas questões fazem parte da aliança, a descendência e o trono, que são reafirmadas neste trecho ainda do Salmo 89: “E conservarei para sempre a tua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu”. Se a promessa de Deus dependesse dos descendentes de Davi, ela teria sido invalidada no reinado de Salomão. Contudo, como está baseada em Deus e na Sua graça, a promessa permanece, apesar da

fragilidade dos descendentes. Deus, quando fez a promessa, já tinha os olhos postos em Jesus. Nele, Deus sabia que poderia manter a sua fidelidade, pois Ele não falharia em cumprir a lei de Deus. É por isso que a promessa é eterna e, por isso, a linhagem de Davi estará para sempre no trono de Israel.

A consequência dessa aliança é basicamente a preservação da nação de Israel como povo. Depois que as tribos de Israel foram levadas cativas, a dispersão dos judeus seria certa se não fosse o cuidado de Deus com o seu povo, pois eles perderam o domínio sobre suas terras. No cumprimento das promessas, o restabelecimento da nação, no sentido territorial, é uma premissa básica para o cumprimento da promessa. Daí o entrelaçamento da história dos judeus com a eternidade. O estado de Israel foi restabelecido em 1948, mas ainda as promessas de Deus a Davi não foram totalmente cumpridas e é o que os judeus ainda aguardam.

O final do Salmo 89 demonstra que o salmista Etã está desolado, pois há uma diferença enorme entre as promessas de Deus a Davi e os acontecimentos com o povo de Israel. Deus promete um trono eterno, e o que se vê na história de Israel é completamente o contrário disso. A história vivenciada pelos judeus não somente nos tempos de Etã é completamente dissonante das promessas de Deus a Davi. Daí que os olhos dos judeus estão voltados para o futuro e não para o passado. As promessas ainda se cumprirão. A coroa de Israel caiu, desde o cativeiro babilônico não há mais a dinastia de Davi. Seu trono ruiu, os muros de Jerusalém foram destruídos, o templo também. Os inimigos – assírios, babilônios, gregos, egípcios, romanos – assolaram a nação de Israel e espalharam o povo entre as nações. Esse desalento vivenciado é maior que o desalento de Suten, mas Suten estava limitado pelo tempo. Ele não está livre da ordem do tempo. Mas a descendência de Davi se livrará da ordem dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos por nós ao longo deste artigo nos possibilitam levantar algumas reflexões acerca da nossa existência e dos limites do conhecimento humano, pois, apesar de tantos estudos, vindos desde a Antiguidade, a aporia do tempo permanece e, por ser uma aporia, põe fim às especulações humanas, pois uma aporia não permite que o pensamento humano avance, em função de uma dificuldade lógica insuperável. Entretanto, apesar desses limites, o homem deve continuar suas buscas. Estamos de acordo com Sartre (2004) na questão de o

prosador ser um homem que busca o desvendamento do mundo e, quando se tem em vista uma obra literária, consideramos que se trata de um aspecto do mundo que um autor quer ver desvendado. Uma vez que a obra literária busca esse desvendamento do mundo e, por consequência, do homem, acreditamos que pensar a literatura numa perspectiva interdisciplinar é uma questão imprescindível. Acreditamos que a literatura pode oferecer possibilidades de reflexão não somente para a psicologia, história, mas para as ciências sociais de um modo geral, e, portanto, para a teologia, sem obscurecer os problemas que são específicos dela que se relacionam aos procedimentos linguísticos dinamizados pelos escritores. Porém, mais do que pensar a literatura juntamente com as ciências sociais, pensamos que também ela pode ser pensada numa perspectiva que resulte numa visão mais abrangente do ser no mundo e, nesse caso, ela não deixaria de pensar na importância do conceito de eternidade, pois, com ele, a aporia do tempo perde o sentido e o tempo deixa de ser visto como terror. Nesse sentido, as perturbações humanas provocadas pela destruição que o tempo promove nas vidas humanas poderiam ceder lugar à quietude, à esperança de que, para além desta existência, há outra mais profunda e mais duradoura. Reconhecer isso é o primeiro passo para a aceitação da atuação de Deus no mundo para remissão do homem por meio, inicialmente, da nação de Israel e, por fim, por meio de seu Filho Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1992.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BROOKS, Cleanth. Man, time, and eternity. In: FAULKNER, William. *The Yoknapatawpha Country*. Estados Unidos: Louisiana Paperback Edition, 1990a. p. 325-348.

COWLEY, Malcolm. Introduction to the portable Faulkner. In: WARREN, R. Penn (Org.). *Faulkner: a collection of critical essays*. New Jersey: A Spectrum Book, 1966. p. 34-45

EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade especial e geral*. Trad. do original alemão por Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

FAULKNER, William. *Absalão, Absalão*. Trad. Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981a. _____. *O som e a fúria*. Trad. Paulo Henriques Brito. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2003.

FRYE, Northrop. *Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

MAGNY, Claude-Edmonde. Faulkner or Theological Inversion. In: WARREN, R. Penn (Org.). *Faulkner: a collection of critical essays*. New Jersey: A Spectrum Book, 1966. p. 66-78.

MINTER, David. *William Faulkner his Life and Work*. London: The Johns Hopkins University Press, 1982.

NEWTON, Isaac. *Principia: princípios matemáticos de filosofia natural*. Trad. Trieste Ricci et al. v. 1. São Paulo: Nova Stella/EDUSP, 1990.

PLATÃO. *Timeu e Crítias ou A Atlântida*. Tradução, introdução e notas de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.

POUILLON, Jean. Time and destiny in Faulkner. In: WARREN, R. Penn (Org.). *Faulkner: a collection of critical essays*. New Jersey: A Spectrum Book, 1966. p. 79-86.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. On the sound and the fury: time in the works of Faulkner. In: WARREN R. Penn (Org.). FAULKNER: a collection of critical essays. New Jersey: A Spectrum Book, 1966. p. 87-93.

WAGGONER, Hyatt. Past as Present: *Absalom, Absalom!*. In: WARREN R. Penn (Org.). *Faulkner: a collection of critical essays*. New Jersey: A Spectrum Book, 1966. p. 175-185.